



POEMAS



Abílio Pacheco

Abilio Pacheco morou em Coroatá (MA) e em Marabá; hoje reside em Belém (PA). Cursou Licenciatura Plena em Letras na UFPA-Marabá (durante a qual foi bolsista de Monitoria e de Iniciação Científica), duas especializações na área e Mestrado em Estudos Literários pela UFPA-Belém (Dissertação: Por pesar de você a manhã se tornou outro dia: cidade, utopia e distopia em Benjamim, de Chico Buarque). Lecionou na ETRB e no CEFET-PA (hoje IFPa), onde atuou ajudou a implantar o curso de Letras e atuou no Ensino a Distância e na Especialização em Educação para as Relações Étnico Raciais. Atualmente é professor da UFPA-Bragança e líder do Grupo de Pesquisa Narrativas de Resistência - Narrares. Aos 17 anos obteve o primeiro destaque em certames literários com o poema "Elegia de Maria". Publicou Poemia (poesia – semiartesanal) em 1998; Mosaico Primevo (poesia) em 2008; e Riscos no Barro: ensaios literários (2009). É membro correspondente da Academia de Letras do Sul e Sudeste Paraense (com sede em Marabá) e um dos organizadores da Antologia Literária Cidade.

Abilio Pacheco, nasceu em Juazeiro (BA), viveu a primeira infância em Coroatá (MA), dos 07 aos 27 morou em Marabá, e hoje reside em Belém (PA). Cursou Licenciatura Plena em Letras na UFPA-Marabá e Mestrado em Letras – Estudos Literários na UFPA-Belém. Lecionou por cinco anos no CEFET-PA (hoje IFPa). Atualmente é professor da UFPA - Bragança. Aos 17 anos obteve o primeiro destaque em certames literários com o poema "Elegia de Maria". Publicou Poemia (poesia – semiartesanal) em 1998; Mosaico Primevo (poesia) em 2008; e Riscos no Barro: ensaios literários (2009). É um dos organizadores da Antologia Literária Cidade.



No Prelo

Se a minha palavra é a minha busca
de uma vida inteira, em todo mundo
e ela dorme encantada à sombra
de um livro raro, quiçá
encontrá-la-ei num alfarrábio,
num sebo, numa biblioteca pública...
Quem sabe minha resposta ainda
esteja no prelo.

Escritura

A Eliton Moreira e Ademir Braz

Tecer versos é, por força, fazer sulcos em penedos,
Singrar as pedras todas do mar de si ao avesso,
Derramar suores em gotas no fero vigor do remo.

É ferir, à quilha da fragata, as artérias espumosas
Das altas internas vagas. É navegar por entre as rochas
E extraír exangues lascas — vergões por dentro e por fora.

É talhar a cerrados pulsos as pedras finas, mas duras.
E lapidar relevos pulcros em fendas pouco profundas.
É um árduo trabalho infruto, que só lega palmas sujas.

Mas é preciso fazê-lo! Alguém deve abrir as ostras
Abismadas em seu peito para juntá-las a outras
Iguais na casca e no meio, mesmo que estejam ocas.

Por fim: crer que vale a pena mineralizar as lavras
Como fulcros ao poema e inertes todas deixá-las
Inativas pelas fendas — palavras amortalhadas.

Para que tu, só tu possas sugar o cerne dos versos
Acumulados em poças pelos teus olhares tétricos
Que desmineram as horas e se desmentem eternos.

Tessitura Noturna

A João Cabral de Melo Neto

Um latido apenas
não protege a rua
ele precisará sempre
que os cães o apanhem
e o lancem a outros cães
e a outros latidos
tal que somados todos
(latidos e cães) na noite
formem (no arca-
bouço da matilha)
uma redoma protetora
em torno da rua.

Retrato II

A Cecília Meireles

Eu também não tinha este rosto
assim tenso, assim denso, assim calvo,
nem olheiras e rugas
nem cabelos alvos.

Eu não tinha estes olhos de agora
tão rubros, tão turvos, tão vagos,
nem esta mão incerta,
nem dedos fracos.

Mal venho notando esta mudança
que lenta, constante e suave
do espelho vem desbotando
a minha face.

Inteligência Artificial

(ou Pinóquio pós-moderno)

Minha fada cor de céu,
Por mil pares de anos

Repto-te o mesmo pedido:
Faze comigo o que fizeste
com o filho de Gepeto.

Mas, acima de nossas cabeças
Toda nova era glacial passou
E com ela os filhos de Japeto.

Por mil pares de anos te peço...
Para que me transformes no que sempre fui,
Sem que nunca tenha sido de verdade.

Luzes da Cidade

A Charles Chaplin

Deambulo em trapos pelas ruas...
E vejo você, serena e cega, alva e bela,
com uma cesta plena de flores claras.

Súbito amo-te! como uma criança a outra.
Simples como a rosa branca
que recebo e ponho na lapela.

Faço de tudo para que
— mesmo vendo-me trapalhão —
você contemple as luzes da cidade.

Comentários

[Adicionar novo](#) [Busca](#)

Clarice Villac

|2010-04-21 18:01:07

Abilio Pacheco,

das letras escolhidas,
brotadas, trabalhadas,
constrói
evocações
combina traços
toca o leitor !

Parabéns !

[Responder](#) | [Citar](#)

1 0

Escrever um comentário

Nome:

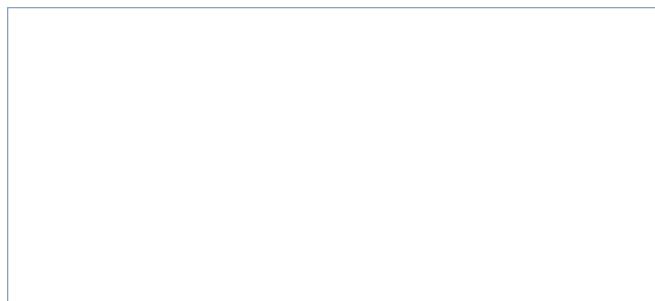
E-mail: não notificar

Website:

Título:

UBBCode: -cor- -tamanho-





[Enviar](#)



Por favor coloque o código anti-spam que você lê na imagem.

Powered by !JoomlaComment 3.26

[Fechar janela](#)